

INDEFINIDOS ANAFÓRICOS NO DEPOIMENTO DO ORKUT

Carla Edila Santos da Rosa Silveira¹

Resumo: Este artigo destaca alguns usos anafóricos de expressões nominais indefinidas em depoimentos do Orkut a fim de verificar as implicações dessa estratégia de referência na construção do sentido textual. A proposta baseia-se em Cunha Lima (2004) e utiliza o método de pesquisa qualitativa. Assim, sugiro um meio possível para entender uma tendência atribuída ao conteúdo temático desse gênero: a projeção de imagem positiva do outro.

Palavras-Chave: Indefinido; anáfora; depoimento.

Anaphoric indefinites in Orkut testimonials

Abstract. This article highlights some anaphoric uses of indefinite naming expressions in Orkut testimonials in order to verify the implications of this reference strategy in the construction of the textual sense. The proposal is based on Cunha Lima (2004) and uses the qualitative research method. Thus, I suggest a possible way to understand a trend attributed to the thematic content of this genre: the projection of positive image of the other.

Keywords: Indefinite; anaphor; testimonial.

1 PRENÚNCIO DE UM QUESTIONAMENTO

Durante levantamento preliminar de traços do comportamento do gênero **depoimento do orkut** (SILVEIRA, 2009), causou estranhamento o uso recorrente de expressões nominais indefinidas, em especial, aquelas compostas por sintagmas nominais (SN) introduzidos pelo artigo indefinido “um(a)”. À primeira vista, a ocorrência foi tomada como tradicionalmente se observa, isto é, com a função de introduzir informação nova no texto, porém permaneceu a impressão de que havia mais a dizer sobre construções como as destacadas abaixo:

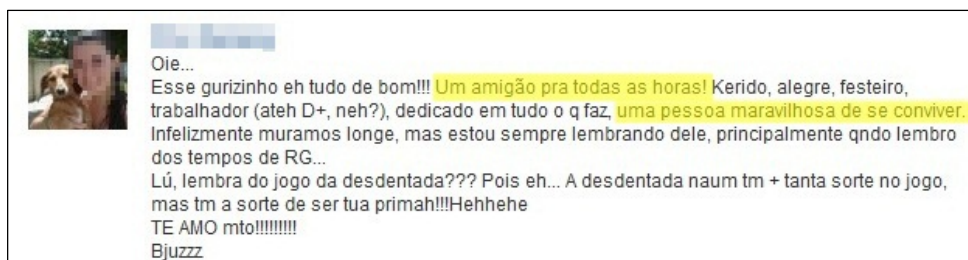


Figura 1: Amostra de depoimento publicado no site www.orkut.com

¹ Mestranda em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na área de concentração em Estudos Linguísticos; vinculada ao grupo de pesquisas “Processos de Construção Textual”; dedica-se ao projeto “Gênero e Referência: sobre a recategorização com SN indefinido no depoimento do orkut”, um estudo na interface entre linguística textual, cognição social e tecnologias de informação e comunicação. E-mail: carlaedila@hotmail.com.

No texto da figura 1, a segunda expressão indefinida *uma pessoa maravilhosa de se conviver* parece retomar² a primeira *Um amigo pra todas as horas*. Encontramos ocorrências similares a essa em um corpus composto por 40 dados, os quais foram coletados na versão brasileira do site de relacionamentos *orkut*³ mediante autorização obtida junto a um grupo de 15 sujeitos de diferentes regiões do país. A coleta foi realizada de 2009 a 2010 e o uso recorrente de expressões nominais indefinidas foi o critério adotado para a seleção dos dados.

Diante da peculiaridade dos casos, através de uma análise qualitativa dos dados, busco discutir duas dúvidas neste artigo:

- (i) como interpretar tal relação, se a visão semântica convencionada para o uso de artigo indefinido prevê apenas um movimento para frente (catafórico) na busca do referente?
- (ii) haveria alguma vinculação entre a estratégia de progressão referencial e certa(s) característica(s) do gênero sob investigação?

Postas as questões, acrescentamos que o direcionamento desta proposta parte de Cunha Lima (2004), para quem há condições específicas para ocorrer o fenômeno da anáfora com sintagma nominal (SN) introduzido por artigo indefinido. As seções subsequentes à introdução apresentam pressupostos teóricos, revisão de abordagem semântica sobre o emprego de expressões indefinidas, síntese da proposta de Cunha Lima, análise de dados, considerações finais e referências bibliográficas.

2 LINGUAGEM, REFERENCIAÇÃO E GÊNERO: ALGUNS FUNDAMENTOS

De antemão, prescindo da noção clássica de linguagem concebida como forma de o homem representar o mundo e seu pensamento devido ao interesse em abordar o caráter dinâmico e social da linguagem humana. As bases deste estudo também não se limitam à visão de linguagem como instrumento de comunicação, pois ao percebê-la como código, seria impossível tratá-la na condição de “instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes” (TOMASELLO, 2003, p. 132-133). Assim, assumo a linguagem como **atividade constitutiva**:

² Assumo as definições de Koch (2002a, p. 84) para retomada, “atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não”; remissão, “atividade de processamento indicial na co-textualidade”.

³ Espécie de rede social cujo software foi criado por um engenheiro turco de nome idêntico. A fim de conectar pessoas conhecidas e desconhecidas com interesses comuns, o site www.orkut.com foi lançado em janeiro de 2004 pela empresa americana Google que, dentre outras funcionalidades, presta serviço de busca na Internet.

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que 'dá forma' ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de reconstrução, de retificação do 'vivido', que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 2002, p. 65)

Pensar no potencial constitutivo da linguagem abre caminho para definir a referenciação dentro de um processo colaborativo de construção e reconstrução de referentes não restritos a uma realidade objetiva, ao mundo externo, mas de objetos de discurso, para Mondada e Dubois (2003, p. 35): "objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas". Em face esse dizer, evidencio uma noção de referenciação que tem realização na atividade discursiva através da qual os sujeitos falantes interagem e se filia à percepção da cognição social também sustentada por Tomasello (2003, p. 135), pela qual "a referência linguística é uma *ato social* no qual uma pessoa tenta fazer com que outra dirija sua atenção para algo do mundo" (grifo do autor). Sigo uma trajetória que entende os objetos referidos no interior do discurso como elementos não estabelecidos de modo fixo, ao invés, em movimento contínuo de progressão e construção do sentido, dado que por meio dos objetos de discurso colocamos em prática infinitas opções de interpretação do mundo que se amalgamaram na cultura com a evolução histórica (TOMASELLO, 2003 p. 133).

O recorte deste artigo circunda a construção do sentido textual resultante de estratégia de progressão referencial com uso de expressões nominais indefinidas e seus prováveis reflexos sobre o conteúdo temático do gênero depoimento do *orkut*. Para tratar desse gênero emergente na esfera da internet, em que os produtores se propõem a dar testemunho escrito sobre alguém com quem mantêm algum vínculo social, recorro a Bakhtin (1997), pelo qual os gêneros textuais demonstram situações particulares e objetivos de cada domínio discursivo através do conteúdo temático, das escolhas linguísticas e do processo de construção, sem perder de vista as condições específicas e reais das relações intersubjetivas em diferentes esferas, ou seja, nas particularidades dos contextos interativos (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 121). Acrescento que reduzir a termo a reflexão ou ignorar pontos pertinentes é o risco que todo recorte oferece. Contudo, arrisco-me a sugerir uma interpretação da atuação de indefinidos anafóricos na constituição do gênero depoimento do *orkut*. Em certa

medida, volto-me ao modo de significação semântico da linguagem, conforme estabelece Benveniste através desta passagem:

Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO. (...) Em segundo lugar, o semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto dos referentes, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência. A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso. (BENVENISTE, 1989, p. 65-66)

3 UMA INTERPRETAÇÃO SEMÂNTICA DO USO DE NOMINAL INDEFINIDO

A teoria das descrições apresentada no célebre artigo do filósofo inglês Bertrand Russell – *On Denoting* (1905) – figura no cerne do debate quanto à restrição do caráter não-referencial atribuído às expressões indefinidas que, por esse viés, atuam apenas como quantificadores existenciais. A título de ilustração dos desdobramentos surgidos a partir da posição clássica dentro da Semântica Formal, reviso um dos poucos estudos semânticos encontrados na literatura que destina um tratamento diferenciado aos nominais indefinidos e, na seção seguinte, apresento a teoria da qual retiro fundamentos para reflexão em curso.

Heim (1988) propôs a Teoria da Definitude em resposta ao levante de Partee (2005) – originalmente publicado em 1978 –, a qual considera que os indefinidos parecem funcionar na língua tanto quanto SN definidos ou nomes próprios particularmente em relação ao uso de pronomes no discurso. O problema apontado localiza-se na questão de resolver a semântica da pragmática devido à falta de uma teoria que possa tanto caracterizar as propriedades lógicas ou verifuncionais do SN indefinido quanto explicar suas propriedades referenciais no discurso. Tais considerações de Partee são mencionadas no prefácio da tese de Heim (1988) que objetiva responder às questões: “Quais são as características semânticas que definidos e indefinidos compartilham com cada um, mas não com outros NPs?” e “Qual é a interpretação semântica do contraste definido-indefinido?”.

O contraste entre definido e indefinido figura como resultado de características que afetam as condições de verdade e felicidade da sentença. Pela semântica de arquivos ou dinâmica de Heim, os indefinidos são submetidos à indexação, estão sujeitos às **condições de novidade** e não pressupõem seu conteúdo descritivo. Isto é, na teoria onde o significado apresenta potencial de mudança contextual, a indefinidade

continua associada à posição precedente, em que o indefinido introduz variáveis novas ou referentes do discurso.

O panorama esboçado é sucinto, entretanto, possibilita reconhecer que, apesar do avanço de uma análise em que a semanticista chega a atribuir certo traço referencial ao uso de artigo indefinido, bem como agregar aspectos contextuais, ainda não há condições para admitir a realização de anáfora com nominais indefinidos. Em consequência, baseada nessa perspectiva de estudo semântico da indefinidade, faltariam recursos propícios para a interpretação das ocorrências identificadas no corpus, que causaram estranhamento por sua peculiaridade.

4 A PROPOSTA DE CUNHA LINHA (2004)

Sob a luz da Linguística Textual, Semântica e Psicolinguística, Cunha Lima (2004) objetiva compreender a utilização do artigo indefinido (um) e investigar o processamento psicolinguístico de expressões nominais indefinidas na língua. Considerando o fato de as teorias semânticas não apontarem a existência de anáfora com indefinido, a pesquisadora se propõe a ampliar considerações referentes ao fenômeno observado sumariamente por Koch (2002a, 2002b) e Schwarz (2000).

Em suma, a pesquisadora constata o funcionamento do indefinido anafórico em dois casos. O primeiro se dá pela expressão de uma **relação meronímica**, ou seja, a relação parte-todo ou ingrediência em que a interpretação do anafórico depende da remissão ao antecedente, neste caso, não retomado, pois o indefinido anafórico opera em anáforas partitivas (1), associativas (2) e especificadoras (3). Vejamos alguns exemplos do primeiro caso:

- (1) *Um grupo de crianças alegres* entrou na sala. **Uma garotinha loira** veio em minha direção e entregou uma rosa. (CUNHA LIMA, 2004, p. 90)
- (2) *O avião* teve que fazer um pouso de emergência. **Uma asa** apresentou problema. (CUNHA LIMA, 2004, p. 91)
- (3) *Uma catástrofe* ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. **Uma epidemia de Ebola** já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. (...) (CUNHA LIMA, 2004, p. 96)

O segundo caso ocorre na operação de **tematização-remática ou identificação de tipo**, a fim de construir o objeto de discurso através de retomada por recategorização realizada com apostos (4) e orações predicativas (exemplificadas por 5 e 6). Um exemplo de recategorização por meio de aposto é o seguinte:

- (4) *Madonna, uma bem-sucedida promotora de si mesma*, acaba de lançar um livro infantil. (CUNHA LIMA, 2004, p. 100)

O estudo centra-se no segundo caso por ainda ser marginal na literatura e por sua ocorrência parecer vinculada aos eventos mencionados no texto:

A expressão nominal indefinida parece, portanto, ter seu referente estabelecido não só pelas informações ativadas pela própria expressão, mas pela relação que ela estabelece com os eventos expressos no texto. Em outras palavras, o referente de um indefinido é sempre mapeado em relação a um evento, que constrói uma espécie de domínio ou escopo para todas as expressões nominais indefinidas. (CUNHA LIMA, 2004, p. 160)

Para esta conclusão, foram observadas anáforas com indefinido em três situações:

- em frases nominais;
- (5) Nas cinco obras que deixou para a posteridade, Allan Kardek estabeleceu os princípios básicos *da doutrina espírita*. **Uma curiosa mistura de conceitos religiosos com alguma terminologia científica do século XIX**. (CUNHA LIMA, 2004, p. 101)
- na presença de verbo finito dentro de orações relativas;
- (6) Favor não confundir o meu homem de moleton com o Popular, do Luis Fernando Veríssimo. Há uma característica que os diferencia. O popular está sempre com *aquele embrulho* debaixo do braço. **Um embrulho que nem mesmo o Veríssimo sabe o que tem dentro**. (CUNHA LIMA, 2004, p. 159)
- na ausência de verbo finito diferente do que consta na sentença introdutória do antecedente da anáfora.
- (7) Leio no jornal a notícia de que *um homem* morreu de fome. **Um homem** de cor branca, 30 anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante 72 horas, para finalmente morrer de fome. Morreu de fome. (...) (CUNHA LIMA, 2004, p. 156)

A sustentação da hipótese do indefinido anafórico se deu também por experimentos psicolinguísticos que indicaram um tempo maior da leitura de verbo posterior a uma expressão nominal indefinida, o que, dentre outras coisas, evidenciou um “trabalho cognitivo extra” para estabelecer novo referente e uma interpretação distribuída de expressões referenciais ao longo do texto.

5 O USO DE INDEFINIDOS ANAFÓRICOS EM DEPOIMENTOS DO ORKUT

Neste momento, observemos o excerto do exemplo da introdução:

- (8) Oie...
Esse gurizinho eh tudo de bom!!! **Um amigo pra todas as horas!** Kerido, alegre, festeiro, trabalhador (ateh D+, neh?), dedicado em tudo o q faz, **uma pessoa maravilhosa de se conviver.**
Infelizmente muramos longe, mas estou sempre lembrando dele, principalmente qndo lembro dos tempos de RG...

Não há como entender a frase nominal *uma pessoa maravilhosa de se conviver* como uma menção direcionada a outro objeto de discurso que não seja o mesmo referido pela expressão antecedente *Um amigo pra todas as horas*. Através da seleção das duas expressões indefinidas, o produtor apresenta novas informações a respeito do mesmo objeto de discurso introduzido por *Esse gurizinho* e, por também se tratarem de frases nominais, demonstram-se dois casos de tematização-remática. Desse modo, evidencia-se a recategorização do nome núcleo *Um amigo* que passa a ser designado como *uma pessoa* na oração seguinte que compõe o indefinido anafórico, cujo núcleo apresenta uma nova categoria que marca uma retomada por termo genérico, uso recorrente não só na língua falada, mas também em textos de modalidade escrita, conforme reconhece Koch (2004, p. 250-251).

O mesmo tipo de seleção lexical para recategorização com termos genéricos é verificada nos dados 9 (*uma pessoa*) e 10 (*uma mulher*), o que nos leva a pressupor que o hibridismo entre linguagem oral e escrita verificado no processo de construção do gênero depoimento do *orkut* (SILVEIRA, 2009) seria um fator favorecedor para a seleção linguística feita pelos produtores dos textos. Com a seleção de itens lexicais imediatamente acessíveis, por serem genéricos e mais facilmente processados na memória, os produtores acabam simulando na escrita a simultaneidade do planejamento e verbalização da fala (KOCH, 2004)

A tematização-remática com expressão indefinida se dá em uma relação estrutural diferente neste dado:

- (9) O que dizer do Isaac.
Uma pessoa maravilhosa, sempre disposto a lutar por uma sociedade mais justa e humana. **Uma pessoa** que tem dignidade e respeito. Quero dizer que torço por você, principalmente porque conheço sua história e ela é linda. Se tornou um grande amigo e um ótimo conselheiro.
Um super beijão
Denise

O dado 9 apresenta uma cadeia anafórica para descrever o receptor do depoimento em que a primeira expressão indefinida *Uma pessoa maravilhosa* dá continuidade ao núcleo referencial *o Isaac*, assim como se estabelece entre *Um amigo pra todas as horas* e *Esse gurizinho* em 8. Na oração seguinte, ocorre a repetição do nome núcleo (*Uma pessoa*) com acréscimo de novo modificador (oração relativa) na expressão indefinida *uma pessoa que tem dignidade e respeito*, a qual apresenta o verbo finito *tem* dentro da relativa encaixada na expressão indefinida sob correferência explícita. Já na coordenação das duas últimas expressões indefinidas *um grande amigo* e *um ótimo conselheiro* (ambas em posição remática), a princípio, há apenas predicação.⁴

As tematizações-remáticas do tipo observado nos exemplos 8 e 9, conforme Koch (2002a, p. 91), representam “formas híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação inferível e nova”. A mescla entre referenciação e predicação ou duplo funcionamento cognitivo-discursivo, como Koch denomina, também se materializa através da expressão nominal indefinida grifada no dado 10:

- (10) A Elis é uma amiga com "A" maiúsculo! Eu nunca esquecerei o que ela fez por mim e, se hoje estou bem em minha profissão, é a ela quem devo agradecer, pois, a Elis me indicou para trabalhar no lugar dela na Azonasul!! Bah! Valeu muito amiga! Também admiro a personalidade da Elisange, **uma mulher definida**, com atitude, sem medo de ser feliz e que sabe o que quer para a sua vida! Continue assim! Um beijo amiga!!! Kariza

O aposto explicativo *uma mulher definida* retoma o antecedente *a Elisange*, uma expressão referencial definida. Como esse elemento é recategorizado mediante a seleção de outros itens lexicais (o nome *mulher* e modificador *definida*), o produtor do enunciado acrescenta nova caracterização ao objeto de discurso e mobiliza uma mescla de retomada e introdução de informação nova, dotada de apreciação que aponta para a direção de uma avaliação positiva, especificada pela sequência *com atitude, sem medo de ser feliz e que sabe o que quer para a sua vida*.

Quanto às implicações da estratégia de progressão referencial, em que destaco o uso anafórico de nominais indefinidos, pelo que tentei demonstrar, parece justificável

⁴ Deixamos a questão em aberto, entretanto admito ser este um próximo objetivo a seguir na pesquisa, que inclusive representaria um avanço do estudo que proponho por não ficar limitada aos casos mapeados por Cunha Lima (2004). Refiro-me à possibilidade de tratar as expressões indefinidas *um grande amigo* e *um ótimo conselheiro* como casos de recategorização lexical. Para fazê-lo, caberia trabalhar com uma definição de recategorização mais ampla como faz, por exemplo, Koch (2009, p. 112) ao defender que: “no caso dos predicativos (do sujeito e do objeto), quando representados por expressões nominais, a (re)categorização se opera no interior da predicação, isto é, no próprio fio do discurso.”

atribuir a tendência de projeção de imagem positiva do outro (o enunciatário) ao desenvolvimento do conteúdo temático desse gênero. Para tanto, considero sobretudo a recorrência da tendência temática no corpus, a qual vejo como uma particularidade do comportamento do gênero no domínio em que circula. Nos exemplos dados, o recurso de categorização e recategorização deixa marcas visíveis na superfície textual e colabora na construção do sentido textual de modo

a pensar que a representação do funcionamento das retomadas anafóricas, e das expressões referenciais em geral, deve fazer intervir uma *representação do sentido construído pelo texto*. A explicação de uma anáfora [pode ser] impossível se não postularmos ao mesmo tempo, tal representação, assim como os conhecimentos gerais e pressupostos partilhados pelos interlocutores. (APOTHÉLOZ, 2003, p. 59-60)

Por um lado, a estratégia de progressão referencial no gênero depoimento do *orkut* torna-se compreensível a partir do momento em que se toma o uso do indefinido sob a perspectiva de Cunha Linha (2004, p. 187): “o que o indefinido faz é identificar o tipo a que pertence o referente”, sendo passível de operar como elemento anafórico em certos contextos. Por outro lado, a possível vinculação entre a anáfora com indefinido e o gênero depoimento do *orkut* tem sustentação nas considerações de Koch:

Caberia, ainda, retomar o tema da relação entre determinadas estratégias de seleção lexical e gêneros textuais. As observações feitas a respeito da sinonímia, bem como das anáforas definicionais ou didáticas, permitem entrever tal relação: em se tratando de anáforas por sinonímia, em gêneros do domínio jornalístico, como notícia, reportagem, matérias opinativas; ou do campo contratual ou deliberativo, como contratos, atas de reunião, em contraposição com gêneros informais, como interações face-a-face, entre outros; no caso das anáforas definitórias ou didáticas, em gêneros como artigo acadêmico, conferência científica, matéria de vulgarização científica, aula, palestra, e outros mais. (KOCH, 2006, p. 274)

Parece haver uma relação entre as anáforas com indefinidos e o gênero depoimento do *orkut*, de tal modo como Koch observa em usos de anáforas definicionais, por exemplo, em gêneros do domínio jornalístico e acadêmico ou científico. O aspecto que levanto deve-se à observação de características do gênero como o propósito comunicativo e suporte que definem o depoimento do *orkut* como enunciado construído a fim de dizer algo sobre indivíduo com quem se mantém vínculo social. Em resposta à pergunta “O que você tem a dizer sobre [amigo]?”, é produzido um enunciado em condições limitadas, dentre outras, pela aprovação do

receptor e possibilidade de visualização (do texto) autorizada a outras pessoas. Como a temática tende a uma apresentação valorativa do enunciatário nos depoimentos, a atividade de categorização e recategorização do objeto de discurso também por meio de indefinidos anafóricos pode incorporar uma prática discursiva que, a princípio, assinala a opção do enunciador por evitar a desconstrução dos perfis expostos no site *orkut*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sumariamente, considero ter respondido as duas perguntas lançadas na abertura do artigo. Há casos de emprego de expressões nominais indefinidas em depoimentos do *orkut* que apresentam potencial anafórico ao invés de atuarem como meras introdutoras de informação nova ou quantificadoras existenciais, segundo Cunha Lima (2004). Os casos analisados demonstram como pode se configurar essa relação anafórica, ou seja, em estratégia de progressão referencial com a propriedade de categorizar e recategorizar um objeto de discurso que, assim, passa por identificação de tipo, devido à seleção do artigo indefinido, ainda acentuada pela seleção de núcleos nominais com teor genérico. Com os indícios apresentados, reunimos argumentos para trabalhar com a hipótese de que o uso de indefinido anafórico nas condições examinadas teria vinculação com a constituição do gênero em que o sentido textual se constrói em tom valorativo, especificado pela tendência do conteúdo temático para a projeção ou apresentação de imagem positiva do outro.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, Valentim. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
- APOTHÉLOZ, Daniel. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Allena. (Orgs.). **Referenciação**. Clássicos da linguística. v.1. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CUNHA LIMA, Maria Luiza. **Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência**. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. In: **Revista do GEL. Número Especial: Em Memória de Carlos Franchi**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 37-74. (Replicação de *Almanaque*, n. 5, p. 9-26, 1977).

HEIM, Irene. **The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases**. New York: Garland Publishing, 1988.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Expressões nominais indefinidas e a progressão referencial. **Revista Planalto**, n. 1, p. 118-125, 2002b.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça ; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia (Orgs.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1. ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. p. 263-276.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Como se controem e reconstroem os objetos de discursos. **Investigações. Linguística e teoria literária**, Recife, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Allena. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

ORKUT. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. Acesso em: 22 março 2007.

PARTEE, Barbara. **Current Topics in Formal Semantics: Lecture 4, Semantic Typology of Indefinites 1**, University of Massachusetts, mar. 2005. Disponível em: http://people.umass.edu/partee/MGU_2005/MGU054.pdf. Acesso em: 28 junho 2008.

RUSSELL, Bertrand. On Denoting. In: _____. **Logic and Knowledge**. London: George Allen and Unwin, [1905] 1956.

SCHWARZ, Monika. **Indirekte Anaphern in Texten**: Studien zur domägebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen. Tübingen: Max Niemayer Verlag, 2000.

SILVEIRA, Carla E. S. R.. Considerações iniciais em torno de uma caracterização do comportamento do gênero “depoimento do Orkut”. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 38, v. 3, p. 269-281, jul.-dez/2009. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_21.pdf. Acesso em: 18 junho 2010.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

www.orkut.com